

## PRÁTICAS COMEMORATIVAS DA SEMANA DA CRIANÇA NA ESCOLA PARQUE DE BRASÍLIA (1960-1971)

ALINE RIBEIRO DE OLIVEIRA

Universidade de Brasília (UnB), Brasília, Distrito Federal, Brasil

JUAREZ JOSÉ TUCHINSKI DOS ANJOS

Universidade de Brasília (UnB), Brasília, Distrito Federal, Brasil

---

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo investigar quais práticas comemorativas eram mobilizadas para festejar a Semana da Criança na Escola Parque de Brasília, entre os anos de 1960 a 1971. O *corpus* empírico privilegiado é constituído por notícias sobre as comemorações da Semana da Criança na Escola Parque veiculadas no jornal *Correio Braziliense*. Em termos metodológicos, utilizou-se o método onomástico, de Carlo Ginzburg. Os resultados apontam que, no período em tela, as práticas que visavam demarcar e celebrar a Semana da Criança na Escola Parque podem ser categorizadas em três grupos: práticas artísticas, práticas escolares e práticas esportivas. Eram, concomitantemente, celebrativas e educativas, já que intentavam inculcar determinados hábitos, comportamentos e condutas, produzindo certos modelos de criança que se queria dar a ver e exaltar por meio desta festa escolar.

**PALAVRAS-CHAVE:** História da Educação; Festas Escolares; Semana da Criança; Brasília.

---

### INTRODUÇÃO

Este artigo toma por objeto de estudo as práticas comemorativas da Semana da Criança – a semana que antecede o Dia da Criança, comemorado no Brasil desde meados do século passado a cada 12 de outubro – na Escola Parque de Brasília, entre os anos de 1960 a 1971. É parte de uma pesquisa mais ampla, que analisa o que temos denominado de “festas de outubro”, isto é, as festas escolares realizadas no decorrer do mês de outubro em homenagem às crianças e aos professores nas diversas escolas primárias do Distrito Federal.

Com a inauguração de Brasília, em 1960, foi principiado, também, o seu sistema de ensino, planejado pelo educador Anísio Teixeira, então diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, inspirado no modelo que empreendera anos antes em Salvador, no Centro Educacional Carneiro Ribeiro. O ensino primário seria integral, ocorrendo em dois espaços distintos: em Escolas-Classe e nas Escolas Parque. Nas primeiras, as crianças receberiam a instrução escolar regular, aprendendo os conteúdos previstos para esse nível de ensino, conforme estabelecido na Lei Orgânica do Ensino Primário de 1946 (Brasil, 1946) e na Instrução Número 5 do Conselho de Educação do Distrito Federal de 1963 (CEDF, 1966). Já nas Escolas Parque, a serem frequentadas em contraturno, seriam ministradas atividades artísticas, trabalhos manuais e educação física (Teixeira, 1961). Essas escolas deviam ser construídas respeitando o planejamento urbanístico de Lúcio Costa para a cidade, na medida de uma Escola-Classe para cada

quadra residencial e uma Escola Parque para cada quatro quadras residenciais (Teixeira, 1961). Tais escolas, juntamente com um Jardim de Infância em cada quadra, comporiam o que seria denominado de Centros de Educação Elementar (Teixeira, 1961). A Escola Parque, sem dúvida, era a grande novidade desse plano educacional, na medida em que complementar e ampliaria a educação da infância na capital federal.

Entre o planejado e o realizado, porém, houve, desde o início, uma inegável distância: durante toda a década de 1960, somente um Escola Parque foi colocada em funcionamento (Martins, 2011), deixando a maior parte das Escolas-Classe desatendidas por essa inovação pedagógica. Por essa razão, já em 1962, a concepção de ensino integral foi, em parte, desconfigurada, com a redução do “[...] período de permanência diária dos alunos na instituição para 2 horas e redução da jornada de trabalho do professor para 6 horas, sob a justificativa de que essa medida possibilitava a incorporação de mais uma escola classe (106 Sul) sem aumentar o número de professores” (Pereira; Carvalho, 2011, p. 106). A própria manutenção do estabelecimento foi objeto de intensos debates no período, sendo que alguns chegavam a considerá-lo uma extravagância educacional ou “escola de bobagens”, conforme lamentava um de seus defensores, o médico Ernesto Silva (Silva, 1962, p. 4).

Não obstante, a Escola Parque abriu suas portas e práticas educativas nela tiveram lugar, como registram Eva Waisros Pereira e Lúcia Rocha (2011) sobre o seu primeiro ano de atendimento à infância:

O aluno era o centro do processo educativo. Cabia a ele definir, de acordo com as suas preferências e aptidões, as atividades das quais gostaria de participar. A cada semestre, escolhia duas atividades entre as oferecidas pelas diferentes áreas e dedicava a cada uma delas duas horas diárias. Exemplificando, relata uma ex-aluna em seu depoimento: “Eu fiz num semestre tecelagem e cerâmica, no outro dança moderna e desenho”. O interesse era o móbil da atividade educativa (Pereira; Rocha, 2011, p. 172).

Em relação à educação do corpo – uma das dimensões constitutivas da Escola Parque –, Ingrid Wiggers, Isabela Marques e Mariana Frazzi (2011), analisando álbuns escolares da instituição, destacam que ela propiciava a seus alunos experiências escolares envolvendo brincadeiras, canto coral, natação, desfiles e solenidades cívicas, apresentações teatrais e de dança, dentre outras, de modo que “[...] a Escola Parque, nas origens da cidade, representou muito mais do que uma escola, mas um verdadeiro polo cultural, artístico e esportivo” (Wiggers, Marques; Frazzi, 2011, p. 272).

Mas, práticas escolares coevas a outras escolas brasileiras da época também encontraram espaço na Escola Parque de Brasília, dentre elas, os festejos escolares em comemoração à Semana da Criança.

A partir das contribuições historiográficas dos Annales, assevera Roger Chartier (2004, p. 22), “[...] a festa deixou o território do pitoresco e do anedótico para tornar-se um revelador maior das clivagens, tensões e representações que atravessam uma sociedade”. As festas constituem-se, assim, em observatórios do social, por meio dos quais é possível, ao historiador, vislumbrar valores e visões de mundo sobre aquilo que

OLIVEIRA, A. R. de; ANJOS, J. J. T. dos.

se festeja e o lugar que o objeto de celebração ocupa numa dada sociedade, em um determinado momento/contexto histórico. Já no caso das festas escolares – uma modalidade específica daquilo que o historiador francês denomina festa –, é oportuno observarmos o que escreve Renata Marcílio Cândido:

O estudo da festa, como elemento constitutivo de uma *cultura e de uma forma escolar específica*, permite a compreensão de questões que ultrapassam a sua idealização e concretização; por meio da análise das *normas* e das *práticas* festivas (Julia, 2001), é possível compreender um conjunto de modos de fazer e de pensar a escola, suas formas de conceber o ensino e a educação, os comportamentos escolares e sociais desejados para uma determinada comunidade, os valores compartilhados, as metodologias de ensino, os conteúdos ensinados e as estratégias criativas que a escola utiliza para a transformação das demandas sociais em um projeto próprio (Chervel, 1990; Viñao Frago, 1996). (Cândido, 2015, p. 231, grifos do original).

Se a historiografia sobre as festas escolares expandiu-se nos últimos anos no bojo dos estudos sobre a história das culturas escolares, investigações que se debruçam sobre a comemoração do Dia e da Semana da Criança em perspectiva histórica ainda são raras. Destacam-se, sobre o Dia da Criança, as pesquisas empreendidas por Cynthia Greive Veiga e Maria Cristina Soares de Gouvêa (2000), acerca desse festejo em Minas Gerais nas primeiras décadas republicanas, e Alessandra Schueler, Ana Cristina Delgado e Fernanda Müller (2007), sobre a participação da criança em festividades brasileiras, dentre as quais está a de 12 de Outubro. Sobre a Semana da Criança, localizamos somente um estudo, realizado recentemente por Magda Sarat (2022), enfocando as comemorações realizadas no Território Federal de Ponta Porã, antigo Mato Grosso Uno, entre os anos de 1944-1946. Sobre os sentidos da Semana da Criança na escola, a historiadora afirma:

[...] à luz das teorias eliasianas do processo civilizador, podemos dizer que estas celebrações escolares foram organizadas não somente para comemorar a criança e a infância, mas também inculcar bons comportamentos a serem ensinados à comunidade a partir da escola, especialmente considerando a regulação dos costumes e das emoções, no processo de constituição do indivíduo que vivia nesta região de fronteira a ser submetida e civilizada, considerado o objetivo do projeto “Marcha para o Oeste” e a expansão da escolarização (Sarat, 2022, p. 499).

Intentando, assim, oferecer uma contribuição tanto à historiografia educacional brasileira quanto à historiografia local sobre a educação em Brasília, o objetivo deste artigo é investigar quais práticas comemorativas eram mobilizadas para festejar a Semana da Criança na Escola Parque de Brasília, entre os anos de 1960 (quando a instituição é fundada) e 1971, quando, por força da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, sua organização pedagógica foi alterada para adaptar-se às novas determinações legais.

O *corpus* empírico privilegiado neste estudo são as notícias sobre as comemorações da Semana da Criança na Escola Parque veiculadas no jornal *Correio Braziliense*. Este periódico, que começou a circular no mesmo dia da inauguração da capital federal, em 21 de abril de 1960, e chega ininterrupto até nossos dias, no período em tela, tingiu suas páginas, com frequência, com notícias sobre a educação escolar em Brasília, sendo, por isso, uma fonte importante para compreender a história da educação brasileira, pois, mesmo que “[...] produzido fora da escola, não deixa de ser relevante para a compreensão de sua historicidade e cultura, sendo um informante indireto de suas manifestações” (Anjos, 2022, p. 38). As edições do *Correio Braziliense* encontram-se disponíveis para consulta *online* na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Ao operar com este repositório, lançamos mão do expediente da consulta pela palavra-chave “Semana da Criança”. Não ignorando os alertas dos historiadores Eric Brasil e Leonardo Nascimento (2020) acerca dos riscos que esse tipo de consulta comporta na prática da chamada História Digital, como o de só apreendermos pedaços das realidades que desejamos interrogar, já que o retorno da ferramenta de busca obtido na hemeroteca é parcial e fragmentado por força de limitações do leitor digital. Acreditamos, no entanto, com base em Carlo Ginzburg (1991b), que a pesquisa pelo método onomástico tem lá sua utilidade, na medida em que permite, pela perseguição do fio de um nome (no caso, nossa palavra chave), identificar o tecido social dentro do qual o fenômeno que se deseja compreender estava inserido. Ademais, o caráter fragmentário das evidências sobre as quais se apoia o historiador é uma característica inerente do ofício e com a qual precisamos aprender a lidar (Ginzburg, 1991a).

Apresentados estes protocolos iniciais de leitura, passemos a investigar as práticas comemorativas mobilizadas para festejar a infância na Semana da Criança na Escola Parque de Brasília. Ao final deste percurso, teceremos algumas considerações, a título de conclusão.

#### COMEMORANDO A SEMANA DA CRIANÇA NA ESCOLA PARQUE

Em razão da importância da Escola Parque, vários eventos ocorridos nela foram noticiados no *Correio Braziliense* com matérias de muita visibilidade. Em 1963, por exemplo, foi anunciado nas Sociais de Brasília – coluna que divulgava eventos sociais os mais diversos que aconteciam na capital – um show infantil que seria apresentado pela professora de música Neusa França, no Auditório da Escola Parque:

[...] “Vamos brincar de Música?” é o título do interessante “show” infantil que será apresentado por Neusa França domingo próximo, às 15:30 horas, no Auditório da Escola Parque, em comemoração à Semana da Criança” [...] Seus alunos de piano também participarão do mencionado festival, cujo entrada será franca promovido pela Juventude Musical Brasileira (Setor de Brasília), cuja direção está confiada à própria Neusa França [...] (Sociais de Brasília, 1963, p. 9).

“Vamos brincar de música?”. Chamar para brincar era convocar uma das orientações do projeto que cria a Escola Parque, “qual seja o caráter lúdico das

aprendizagens que devem envolver as dimensões sensíveis e significativas do viver, estendidas para o convívio das relações sociais” (Martins, 2011, p. 231). Esse foi um evento promovido pela Juventude Musical Brasileira e apresentado por uma das primeiras professoras de música de Brasília (Abreu, 2018). Ao mesmo tempo em que gerava entretenimento na comemoração da Semana da Criança, a professora mostrava à comunidade local o resultado do ensino musical da própria Escola Parque. Nessa celebração, os alunos não se afastavam do que era feito em sala de aula, não havia diferença das práticas escolares da Escola Parque. De fato, desde sua implantação, a Escola Parque proporcionava aulas de música para alunos dos anos iniciais e dos anos finais do ensino primário (Abreu, 2018). A comemoração, assim, permitia celebrar com aquilo que a escola fazia cotidianamente com os alunos: o ensino e prática musical.

Nessa mesma semana, o prefeito de Brasília, Ivo de Magalhães, determinou que a prefeitura do Distrito Federal promovesse vários eventos em comemoração ao Dia da Criança, e um deles seria a exibição de filmes educativos infantis e desenhos animados na referida escola (Agenda CB, 1963, p. 5). A Escola Parque era referência na comunidade, que, carente de opções de lazer, “[...] passou a utilizar o auditório da escola para shows, teatro, cinema, palestras, que aos poucos tornaram a instituição o centro cultural de Brasília” (Pereira; Rocha, 2011, p. 174). Podemos perceber que a entrada dos dois eventos era gratuita e aberta a toda a comunidade. Além disso, as colunas que publicaram essas duas notícias eram utilizadas pelo jornal para divulgar os eventos da capital, o que reitera o papel dessa instituição de ponto de passatempo em Brasília; ao mesmo tempo em que comemorava a infância, fornecia às crianças oportunidades de diversão.

Em outro momento, mais especificamente em 1964, é noticiado que durante a semana haveria uma demonstração das atividades promovidas pela Escola Parque durante todo o ano letivo, em comemoração ao Dia da Criança: “Essa demonstração [...] constará de uma exposição dos trabalhos dos alunos da Escola, bem como de execução de números musicais pela Bandinha, canto orfeônico e educação física” (“DIA...”, 1964, p. 6). Nessa oportunidade, a escola promoveu uma exposição dos trabalhos efetuados por ela à comunidade, sendo uma prestação de contas da educação desenvolvida e também mais um evento gratuito e aberto.

A Exposição de Trabalhos Manuais da Escola Parque de Brasília funcionava, assim, como uma espécie de vitrine dos resultados alcançados pela instituição ao longo do período letivo, momento no qual a sociedade tomava conhecimento do que ali se fazia em matéria de educação da criança. Essa interpretação ganha força quando se observa que, enquanto os trabalhos estavam expostos, os alunos faziam demonstrações do que haviam aprendido naquele ambiente, apresentando-se por meio de instrumentos musicais, por canto e apresentações com o corpo, que foi generalizado na notícia como “educação física”. Ao expor suas práticas escolares ao público e promover eventos gratuitos, a escola atraía a comunidade e inculcava os valores laboriosos, artísticos e saudáveis que se queria internalizar no pequeno cidadão daquela época. Revisitando Chervel (1990, p. 184), somos levados a concordar que a escola produz uma cultura que “[...] penetra, molda, modifica a cultura da sociedade global”. Esse fenômeno era, a seu modo, experimentado na comemoração da Semana da Criança em 1964 na Escola Parque.

Em 1967, a instituição virou palco da apresentação da peça “O Bruxo Azul”, sob direção de Antonia Lima Barbosa, promovida pela Casa do Pequeno Polegar, como parte dos festejos da Semana da Criança. A Casa do Pequeno Polegar, fundada em 1967, abrigava os “filhos sadios dos tuberculosos” (PEQUENO..., 1967, p. 7). Assim, na Semana da Criança, a Casa procurou angariar fundos para o cuidado dessas crianças e a peça infantil apresentada na Escola Parque teve cobrança da entrada. Pela boa estrutura e localização, a Escola Parque servia de “centro cultural” durante a Semana da Criança, com eventos promovidos por outras instituições, como o aqui noticiado. Embora não disponhamos de mais evidências, pode-se aventar que a cobrança de ingresso possa ter limitado, em parte, o acesso das crianças ao evento que queria comemorá-las, mas a causa em tela – auxiliar outras crianças afastadas de suas famílias –, parecia justificar a ação e as eventuais exclusões que daí resultassem.

Nesse mesmo ano, o *Correio* tratou de publicizar, de uma forma generalizada, que as comemorações da Semana da Criança na capital estavam acontecendo e constavam de várias programações em diversas instituições escolares que tinham público infantil. Apesar de tornar amplo o universo de escolas que comemoravam, o foco do jornal com certeza se deu na Escola Parque. Desse modo, anuncia competições que estavam acontecendo naquela escola desde o final de setembro e que teriam previsão de findar no dia 12 de outubro, o Dia da Criança. Apesar da notícia não se aprofundar nesse evento, veremos logo à frente que este compunha a primeira edição dos chamados “Jogos da Primavera” (SEMANA..., 1967). Além do campeonato, a notícia se remete a um Teatro de Fantoches que foi promovido na Escola Parque para os alunos que frequentavam o Centro de Educação Primária n. 1, que iria acontecer em todos os dias dedicados à criança, “[...] uma vez que as histórias não se repetem” (SEMANA..., 1967, p. 8).

Mais uma vez, este periódico mostra o que seria a “escola modelo” da educação integral, objetivando servir de inspiração para outras instituições e tornar notícia pela excelente gestão educacional que ocorria na capital do Brasil. A criança exaltada era aquela que exercitava o seu corpo, participando das competições esportivas, e que era embevecida de diversas atividades artísticas culturais, como o teatro de fantoches. O que se percebe, na maioria das notícias veiculadas no *Correio Braziliense* sobre a Semana da Criança, é o privilégio dado às escolas do plano piloto, principalmente o Centro de Educação Primária n. 1, como se estas fossem o modelo de propaganda. Talvez, pela proximidade geográfica de onde moravam e trabalhavam importantes figuras do cenário político brasileiro, recebiam mais investimentos e teriam o papel de comprovar que suas atividades eram realizadas com muita eficiência e seguindo diretrizes contemporâneas. Também há de se lembrar que o Centro de Educação Primária número 1 foi o único construído na capital (contando com Escola Parque e quatro Escolas-Classes), e que por isso as atenções fossem mais voltadas a ele.

Como vimos acima, no ano de 1967, ocorre a criação dos Jogos da Primavera na Escola Parque, que se iniciavam alguns dias antes da Semana da Criança, mas finalizavam no meio desta (FESTAS..., 1967, p. 3). Nesse início, os jogos foram noticiados de forma superficial:

OLIVEIRA, A. R. de; ANJOS, J. J. T. dos.

Na Escola-Parque há um campeonato que se desenvolve desde o dia 28 do mês passado para terminar no dia 12 [...]

#### CAMPEONATO

Hoje, pela manhã, na Escola Parque, a quinta série masculina, disputará a semifinal de Futebol de Salão, enquanto a quinta série feminina jogará a final de Basquetinho.

Ontem, houve disputa de "Hand-Ball" pela quarta série feminina, enquanto a quarta série masculina disputou uma partida de "Rugby" (SEMANA..., 1967, p. 8).

Nos Jogos da Primavera promovidos pela Escola Parque, as disputas esportivas aconteciam entre as escolas que formavam o Centro de Educação Primária n. 1: as Escolas-Classe 308, 108, 106 e 107. Pela reportagem, podemos notar a formação de times e as disputas em diferentes tipos de esportes, com times femininos e masculinos. Nesses campeonatos, as crianças das escolas participantes socializavam e a conexão entre as instituições escolares e a comunidade eram fortalecidas. Esse campeonato, nas edições analisadas, sempre se encerrava no Dia da Criança, o que nos permite compreender esses campeonatos esportivos como parte dos ritos inerentes à Semana da Criança no Distrito Federal.

Em 1968, os II Jogos Abertos da Primavera ganharam uma matéria exclusiva para sua divulgação. Sua abertura aconteceu no pátio da Escola Parque, sendo organizado pelas professoras desta instituição. Os jogos contavam com times de todas as séries do curso primário. A diretora da Escola Parque, Ivone Felipe, disse à reportagem que toda a escola estava voltada para a realização dos Jogos da Primavera.

Os alunos do setor de Artes Plásticas confeccionaram o emblema para convites e flâmulas alusivas aos Jogos de Artes Industriais pintaram as camisetas, que serão os usados pelos desportistas e os de Literatura Infantil estabeleceram as regras dos jogos depois de pesquisas sobre o assunto (ESCOLA..., 1968, p. 16).

Esse trecho da reportagem demonstra como aquele campeonato movimentou todos os setores educativos da Escola Parque, que organizaram o emblema, os convites, as bandeiras decorativas e o uniforme dos desportistas. Além de toda essa produção, os alunos de Literatura Infantil estabeleceram as regras dos jogos, após, de forma ativa, terem pesquisado sobre seu funcionamento. Essas ações relatadas indicam uma programação conjunta para desenvolver atividades curriculares integradas, como também é apontado por Pereira e Rocha (2011) em seu estudo sobre a experiência da Escola Parque. Todos os alunos do Centro de Ensino Primário n. 1 participaram do II Jogos da Primavera, mesmo não jogando em time algum (ESCOLA..., 1968).

O objetivo da escola era destacar essa competição naquela comunidade. Para isso, foram convidadas autoridades do Distrito Federal, a imprensa e os pais, que assistiram a um desfile de todos os alunos no pátio do estabelecimento (ESCOLA..., 1968). Segundo Wiggers, Marques e Frazzi (2011), eventos desse tipo contavam com um expressivo público. Para a abertura, foram preparadas "[...] apresentações de danças folclóricas, demonstrações de ginástica rítmica pelas meninas e evoluções executadas pela equipe masculina" (Escola Parque Abre Jogos Da Primavera Quarta-Feira, 1968, p. 16). Em um estudo sobre a educação do corpo na Escola Parque em seus anos iniciais,

Wiggers, Marques e Frazzi (2011) afirmam que a importância dessas atividades corporais se destaca pela quantidade de fotografias registradas em arquivo e pela repetição em várias oportunidades. Essa educação, realizada por meio de atividades artísticas e esportivas, era parte expressiva do currículo da Escola Parque nos anos 1960 (Wiggers; Marques; Frazzi, 2011).

Para participar dos jogos, as equipes deveriam inscrever seus times. A primeira e segunda séries se distinguiam das demais, por poderem participar apenas de “[...] provas de natação, e práticas recreativas, com danças folclóricas e ginásticas sueca” (ESCOLA..., 1968, p. 16). As outras turmas contavam com as seguintes modalidades: “[...] hand-ball, basquetinho, futebol de salão, jogo de queimada, natação, saltos em altura e distância e corridas de velocidades. Essas provas seriam disputadas no horário das aulas de educação física” (ESCOLA..., 1968, p. 16). Percebe-se, assim, pela referência de que as atividades ocorreriam no mesmo horário das aulas regulares, que práticas ordinariamente educativas da Escola Parque, na Semana da Criança, tornavam-se práticas comemorativas da infância.

As finais do II Jogos da Primavera aconteceram na Semana da Criança e a entrega dos troféus ficou marcada para o dia 16 de outubro. A empresa de refrigerantes “Crush” patrocinou a realização desses jogos, oferecendo um troféu para quem conseguiu mais pontos e outro para a equipe que mostrou mais disciplina na realização das provas (ESCOLA..., 1968, p. 16). É interessante notar a oferta de prêmios para os alunos mais disciplinados. Com essa atitude, observamos como eram implantadas as instruções dadas pelo Estado para as escolas. A partir da Ditadura Civil-Militar no ano de 1964, a Educação Física visava desenvolver o corpo e a educação social, “[...] mediante a aquisição do senso de ordem e disciplina adquiridas nos exercícios coletivos e competições esportivas” (Rocha, 2007, p. 42). Os II Jogos da Primavera da Escola Parque são o retrato desses objetivos, que serviram de exemplo para a sociedade. Sobre essa ação, é oportuno citar Cândido e Catani (2017) acerca do papel que a escola desempenhava nas festas escolares:

A escola se constituía como o local privilegiado para a formação dos futuros cidadãos e as comemorações contribuíram para tal intento já que foram consideradas ocasiões nas quais a sociedade poderia comprovar os benefícios das instituições de ensino como o melhor lugar para a educação dos alunos, considerados o futuro e a garantia do progresso social do país. O objetivo da escola não deveria se resumir ao desenvolvimento intelectual dos alunos, mas também contribuir para o seu desenvolvimento físico e moral. As festas constituíam-se em oportunidades para a comprovação dos avanços alcançados pela escola no desenvolvimento das crianças (Cândido; Catani, 2017, p. 20).

Os II Jogos da Primavera foram anunciados pelo Correio (CRIANÇA..., 1968, p. 12.), que também apresentou outras atividades programadas para a Semana da Criança de 1968:



[...] dia 7, teatrinho de fantoche; dia 8, exibição de filme; dia 9, competição de nado, seguida de distribuição de balas e doces; dia 10, passeios pelas quadras, visitando outras escolas; dia 11, distribuição de refrigerantes; para as demais séries: dia 7, 8 e 10 competições e passeios; dia 9, distribuição de refrigerantes; além disso, diversões foram promovidas pelas professoras do Setor de Literatura Infantil para as crianças (CRIANÇA..., 1968, p. 12).

Desse plano, algumas programações diárias são consagradas pela repetição com que são propostas para essa comemoração no Distrito Federal, como teatro de fantoches, exibição de filmes, passeios, distribuição de refrigerantes e competições esportivas. Vão constituindo-se, assim, em verdadeiros ritos celebrativos da infância. Já os passeios pelas quadras, visitando outras escolas, é novidade nesta análise. Desse passeio, compreendemos a importância da conexão e socialização entre as crianças das escolas, que poderiam festejar em conjunto.

No ano de 1969, os III Jogos da Primavera são anunciados, de forma breve, como parte dos festejos da Semana da Criança. Como nos outros anos, as disputas finais ocorreram durante as celebrações da Criança. A notícia afirma que aconteceria “[...] hoje, na Escola-Parque, os jogos da Primavera pela manhã e à tarde um programa de atividades variadas com uma série de brincadeiras para as crianças” (DIA..., 1969, p. 3). Em outra reportagem, apenas se menciona a ocorrência dessa competição, sem entrar em detalhes (JOGOS..., 1969, p. 12). Apesar da forma concisa, a matéria traz consigo uma foto:

Figura 1 – Crianças competem nos III Jogos da Primavera da Escola Parque



Fonte: Jogos da Primavera (1969, p. 12).

Na Figura 1, deparamo-nos com uma das competições que foram disputadas durante os III Jogos da Primavera, promovidos pela Escola Parque em 1969. Na foto, há uma trave, mais recorrentemente ligada ao Futebol, mas que teria possibilidade também de estar sendo utilizado em uma partida de Hand-Ball. A fotografia não é

posada, sendo capturada no momento em que o goleiro faz uma defesa e vai ao chão, onde apoia sua mão. Dois jogadores são flagrados olhando para o goleiro, com a atenção de quem espera pelo momento de comemorar um gol ou seguir o jogo. Ao fundo, muitas pessoas assistem à partida. Podemos identificar a presença de meninos e meninas e de pessoas adultas. Geralmente, nesses eventos da Escola Parque, os pais e autoridades do Distrito Federal eram convidados, então podemos supor que entre as professoras e funcionários da Escola, poderiam estar também esses personagens externos à instituição. Ao fundo, podemos ver um prédio com janelas grandes de vidro.

Promovido pela Escola Parque, em 1970, o *Correio Braziliense* abordou a realização do I Festival de Arte Infantil de Brasília, que aconteceu na Praça 31 de Março e contou com mais de mil e novecentos alunos dessa instituição. O evento foi uma homenagem à Semana da Criança “[...] com iniciativas que emprestarão ambiente festivo aos estabelecimentos de ensino e orientação aos homens de amanhã” (SEMANA..., 1970, p. 15). Mais uma vez nos deparamos com o ideal de indivíduo que representaria a nação.

A notícia relata que pais, professores e autoridades da capital compareceram ao programa desta semana “[...] que tem a criança como fator básico” (SEMANA..., 1970, p. 15). Ademais, o documento ainda apresentava que, “[...] no Distrito Federal, a criança desperta cuidados especiais. O planejamento da cidade levou em consideração as exigências da recreação infantil, dotando-a de áreas em que se localizam parques, nas quadras e superquadras, além de jardins de infância e escolas-parque (SEMANA..., 1970, p. 15).

Em 1970, Brasília comemorava seus dez anos de fundação. Depois de muitas disputas políticas, essa primeira década marcava a consolidação definitiva da cidade como capital do Brasil e a referência ao planejamento urbanístico que tanto a destacara no passado não é ocasional. Trata-se de mais uma afirmação da sua originalidade, que previu, dentre outras coisas, os “cuidados especiais” que a criança desperta e o fato de o plano urbano de Lúcio Costa ter previsto para ela espaços especiais, para além das instituições escolares. Festejar a criança era festejar a cidade que as acolhia e que, em certa medida, fora para elas também pensada.

Em outro trecho, falando sobre a educação em Brasília, o texto noticia que ela é uma das cidades brasileiras com o maior número de crianças alfabetizadas e que o crescimento da população tem sido notável, fato que deixou os estabelecimentos de ensino preocupados que esses novos alunos recebam uma educação que permita orientação educacional. “A Escola Parque, localizada entre as superquadras 307 e 308 da Asa Sul, presta inestimável serviço, no que diz respeito à orientação da criança, que aprende ali arte plástica, música, etc.” (SEMANA..., 1970, p. 15). De novo, destacam-se as particularidades da educação oferecida à infância na capital decenária.

O I Festival de Arte Infantil foi idealizado e realizado pela diretora da Escola Parque Ivone Felipe e pela vice-diretora Stella Maria de Córdova. O evento foi uma “aula ao ar livre” (SEMANA..., 1970, p. 15). As crianças levaram os materiais necessários para as atividades, como telas, tintas, instrumentos musicais e vestimentas de teatro. O evento aconteceu nas proximidades da Fonte Sonora e Luminosa, onde os alunos executaram

as atividades como se estivessem na Escola. Tanto a aula quanto a recreação foram realizadas naquele local, que fica próximo à Torre de Televisão.

O Festival, por conta de sua grandiosidade, contou com a ajuda do Departamento de Trânsito, que ficou responsável por desviar a passagem de veículos no local do evento “[...] a partir das 8,30 horas da manhã, a fim de que as crianças não corram perigo de atropelamento” (SEMANA..., 1970, p. 15). Vinte ônibus da NOVACAP (Companhia Urbanizadora da Nova Capital) foram utilizados no transporte das crianças da Escola Parque até o local, cuidando da volta também. Por ocasião do festival, notamos a extrema organização do evento, que envolveu, inclusive, outros órgãos públicos da capital. Para a comemoração da Semana da Criança e a valorização das artes, o governo do Distrito Federal não mediu esforços para que tudo ocorresse com segurança.

A matéria inicia localizando fisicamente o evento na capital: a Praça 31 de Março. Em nossas pesquisas, não encontramos nada a respeito dessa praça na atualidade, mas a reportagem nos traz a sua localidade: “[...] nas proximidades da fonte sonora e luminosa [...] perto da torre de Televisão” (SEMANA..., 1970, p. 15). O nome da praça, pelo ano que ocorreu o festival, é uma alusão à data de início da Ditadura Civil-Militar no Brasil. O evento ocorreu ao ar livre, momento em que as mais de mil e novecentas crianças desenharam, pintaram, cantaram e atuaram. Elas desempenharam as mesmas práticas educativas promovidas na Escola Parque, só que agora em um Festival, mudando os ares daquela cidade, como numa vitrine para a sociedade do excelente trabalho que era desempenhado pelo poder público, que “[...] orientarão os homens de amanhã” (SEMANA..., 1970, p. 15). É nítida, aqui, a mensagem passada de que as condutas que o regime civil-militar impunha estavam sendo transmitidas aos que pertenceriam a esta nação nos próximos anos: as crianças. E a comemoração delas e do seu tempo de vida contribuía para essa difusão de sentidos e significados em Brasília, dez anos depois da inauguração da cidade e da sua Escola Parque.

## A MODO DE CONCLUSÃO

Ao longo da narrativa histórica aqui empreendida, procuramos investigar que práticas comemorativas eram mobilizadas para festejar a Semana da Criança na Escola Parque de Brasília. Com base no itinerário percorrido na inquirição das fontes que subsidiaram tal narrativa, é possível tecer algumas considerações, a modo de conclusão.

No período abarcado por esta investigação, as práticas que visavam demarcar e celebrar a Semana da Criança na Escola Parque podem ser categorizadas em três grupos: práticas artísticas; práticas escolares e práticas esportivas.

Dentre as práticas artísticas, podemos destacar a recorrência, em alguns momentos específicos, de shows, exibição de filmes e desenhos infantis, peças teatrais e teatro de fantoches. Tratam-se, como se percebe, de expressões artísticas focadas no público infantil e para ele destinadas com intuítos celebrativos. Mas, havia também práticas escolares – isto é, cotidianamente empregadas no modelo de educação ofertado pela Escola Parque (baseado em atividades artísticas, trabalhos manuais e educação física) – que, durante a Semana da Criança, eram ressignificadas como forma de celebrar sua vida, bem como de demonstrar a efetividade da educação oferecida naquele estabelecimento. Nesse rol, podemos mencionar, em determinados momentos,

as exposições de trabalhos artísticos, demonstrações de canto orfeônico, demonstrações de educação física, passeios e até mesmo, no final da década, um grande festival de arte infantil.

No que diz respeito a práticas esportivas, é digno de nota a institucionalização, a partir de 1967, dos Jogos Abertos da Primavera. Valendo-se de atividades físicas de diversas modalidades organizadas em competições, inculcia nas crianças hábitos e comportamentos considerados saudáveis, ao mesmo tempo em que despertava nelas o espírito competitivo, envolvendo a todas, tanto as que atuavam nas arenas esportivas quanto as que assistiam e contribuía para a realização dos eventos.

No seu conjunto, podemos considerar que as práticas comemorativas mobilizadas para festejar a Semana da Criança na Escola Parque eram, concomitantemente, celebrativas e educativas, já que intentavam inculcar determinados hábitos, comportamentos e condutas, produzindo certos modelos de criança que se queria dar a ver e exaltar: a criança expectadora e formada para tornar-se público sensível de manifestações artísticas; a criança bem educada para a prática da arte e da educação física; a criança esportista/competitiva e a criança sadia e bem alimentada.

Sendo a Escola Parque uma instituição diferenciada da Escola-Classe – a escola primária brasileira típica da época –, cabe indagar-se até que ponto essas práticas aqui identificadas eram singulares ou partilhadas por outras instituições escolares brasilienses da época. Desdobramentos desta pesquisa poderão aprofundar-se nesta questão, bem como investigar outros elementos presentes nas comemorações da Semana da Criança naquela cidade. Os dados aqui reunidos parecem oferecer, desde já, um ponto de partida para tais desdobramentos e, ao mesmo tempo, uma contribuição à historiografia sobre as festas escolares e, particularmente, aquelas que visavam celebrar a criança na escola brasileira do século XX.

Artigo recebido em: 30/08/2022

Aprovado para publicação em: 31/10/2023

---

#### CHILDREN'S WEEK COMMEMORATIVE PRACTICES IN THE PARK SCHOOL OF BRASÍLIA (1960-1971)

**ABSTRACT:** This paper is aimed at investigating which commemorative practices were mobilized to celebrate the Children's Week in the Park School of Brasília between 1960 and 1971. The privileged empirical *corpus* consists of news about the celebrations of the Children's Week in the Park School published in the newspaper *Correio Braziliense*. In methodological terms, the onomastic method of Carlo Ginzburg was used. The results indicate that in the period under consideration, the practices aimed at demarcating and celebrating the Children's Week in the Park School may be categorized into three groups: artistic practices, school practices, and sports practices. They were, at the same time, celebratory and educational, as they were intended to inculcate certain habits, behaviors, and attitudes, producing certain models of children to be made visible and praised through this school celebration.

OLIVEIRA, A. R. de; ANJOS, J. J. T. dos.

**KEYWORDS:** History of Education; School Celebrations; Children's Week; Brasília.

---

**PRÁTICAS CONMEMORATIVAS DE LA SEMANA DEL NIÑO EN LA ESCUELA PARQUE DE BRASÍLIA (1960-1971)**

**RESUMEN:** Este artículo tiene como objetivo investigar qué prácticas conmemorativas fueron movilizadas para celebrar la Semana del Niño en la Escuela Parque de Brasília, entre 1960 y 1971. El corpus empírico privilegiado consiste en noticias sobre las celebraciones de la Semana del Niño en la Escuela Parque publicadas en el diario *Correio Braziliense*. En términos metodológicos, se utilizó el método onomástico de Carlo Ginzburg. Los resultados indican que, en el período considerado, las prácticas que tuvieron como objetivo demarcar y celebrar la Semana del Niño en la Escuela Parque se pueden categorizar en tres grupos: prácticas artísticas; prácticas escolares y prácticas deportivas. Fueron, al mismo tiempo, festivos y educativos, pues intentaron inculcar ciertos hábitos, conductas y comportamientos, produciendo ciertos modelos de niños que querían ver y exaltar a través de esta fiesta escolar.

**PALABRAS CLAVE:** Historia de la Educación; Fiestas Escolares; Semana del Niño; Brasília.

---

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ABREU, D. V. Maestro Levino Ferreira de Alcântara e a gênese da educação musical no Distrito Federal. *In*: PEREIRA, E. W. *et al.* (orgs.). **Anísio Teixeira e seu legado à educação no Distrito Federal: história e memória**. Brasília: Editora da UnB, 2018, p. 115-142.

AGENDA CB. **Correio Braziliense**. Brasília, 12 out. 1963, p. 5.

ANJOS, J. J. T. dos. O jornal "Correio Braziliense" como fonte para a história das culturas escolares em Brasília (1960-1971). *In*: BERTOLETTI, E. N. M.; ZIMMERMAN; T. R. (orgs.) **Fontes históricas em perspectivas situadas: Limiares de pesquisas e ensinabilidades em educação**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022, p. 37-54.

BRASIL, E.; NASCIMENTO, L. F. História Digital: reflexões a partir da Hemeroteca Digital Brasileira e do uso de CAQDAS na reelaboração da pesquisa histórica. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 69, p. 196-219, jan.-abr. 2020.

BRASIL. **Decreto Lei n. 8.529, de 2 de Janeiro de 1946**. Lei Orgânica do Ensino Primário. Brasília: Câmara dos Deputados, 1946. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-8529-2-janeiro-1946-458442-publicacaooriginal-1-pe.html#:~:text=Lei%20Org%C3%A2nica%20do%20Ensino%20Prim%C3%A1rio.&text=levar%20o%20n%C3%ADvel%20dos%20conhecimentos,e%20%C3%A0%20in%C3%A7%C3%A3o%20no%20trabalho>. Acesso em: 27 fev. 2024.

CÂNDIDO, R. M. O que a escola festeja? Uma retomada histórica sobre os tipos e sentidos das festas escolares. *In*: CATANI, D. B.; GATTI JR., D. (orgs.) **O que a escola faz?** Elementos para a compreensão da vida escolar. Uberlândia: EDUFU, 2015, p. 229-250.

CÂNDIDO, R. M.; CATANI, D. B. Inculcar a seriedade mediante a alegria: um estudo das comemorações escolares no campo educacional (finais do século XIX e início do XX). **Revista de História e Historiografia da Educação**, Curitiba, v. 1, n. 3, p. 30-52, 2017.

CEDF. Indicação número 5: Normas preliminares para organização do sistema de ensino no Distrito Federal – da educação de grau primário. *In*: CEDF. **Boletim do Conselho de Educação do Distrito Federal**, v. 1. Brasília: CEDF, 1966, p. 13-23.

CHARTIER, R. Disciplina e invenção: a festa. *In*: CHARTIER, R. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime**. São Paulo: Editora da Unesp, 2004, p. 21-44.

CHERVEL, A. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. **Teoria & Educação**, Porto Alegre, n. 2, p. 177-229, 1990.

CRIANÇA terá uma semana de festa. **Correio Braziliense**, Brasília, p. 12, 3 out. 1968.

DIA da criança na escola parque. **Correio Braziliense**, Brasília, p. 6, 10 out. 1964.

DIA da criança tem programa na escola parque. **Correio Braziliense**, Brasília, p. 3, 8 out. 1969.

ESCOLA parque abre jogos da primavera quarta feira. **Correio Braziliense**, Brasília, p. 16, 15 set. 1968.

FESTAS marcam hoje o início da semana da criança em Brasília. **Correio Braziliense**, Brasília, p. 3, 5 out. 1967.

GINZBURG, C. Exphrasis e citação. *In*: GINZBURG, C. **A micro-história e outros ensaios**. Lisboa: Difel, 1991a, p. 215-232.

GINZBURG, C. O nome e o como: troca desigual e mercado historiográfico. *In*: GINZBURG, C. **A micro-história e outros ensaios**. Lisboa: Difel, 1991b, p. 169-178.

JOGOS da primavera. **Correio Braziliense**, Brasília, p. 12, 9 out. 1969.

MARTINS, A. de F. O ensino de artes nas Escolas Parque. *In*: PEREIRA, E. W. *et al.* (orgs.) **Nas Asas de Brasília**: memórias de uma utopia educativa (1956-1964). Brasília: Editora da UnB, 2011, p. 231-252.

OLIVEIRA, A. R. de; ANJOS, J. J. T. dos.

PEQUENO polegar quer donativos para crianças. **Correio Braziliense**, Brasília, p. 7, 1 out. 1967.

PEREIRA, E. W.; CARVALHO, P. M. de. Resistência, contradições e impasses na concretização do plano de Anísio Teixeira. *In*: PEREIRA, E. W. *et al.* (orgs.) **Nas Asas de Brasília: memórias de uma utopia educativa (1956-1964)**. Brasília: Editora da UnB, 2011, p. 103-120.

PEREIRA, E. W.; ROCHA, L. M. da F. Escola Parque de Brasília: uma experiência de educação integral. *In*: PEREIRA, E. W. *et al.* (orgs.) **Nas Asas de Brasília: memórias de uma utopia educativa (1956-1964)**. Brasília: Editora da UnB, 2011, p. 161-178.

ROCHA, A. A. L. **Por uma história do currículo do/no Colégio Maria Constança na década de 1960: culturas docentes, práticas e materiais curriculares**. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2007.

SARAT, M. A celebração da infância na escola como modelo de civilidade para a fronteira: Mato Grosso (1944-1946). *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO - SBHE, 11., 2022. São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: PUC-SP, 2022. p. 499.

SCHUELER, A. F. M.; DELGADO, A. C. C.; MÜLLER, F. A participação das crianças nas festividades brasileiras. **Educação em Questão**, Natal, v. 29, n. 15, p. 122-148, maio-ago. 2007.

SEMANA da criança tem esportes e teatrinhos. **Correio Braziliense**, Brasília, p. 8, 6 out. 1967.

SEMANA da criança. **Correio Braziliense**, Brasília, p. 15, 5 out. 1970.

SILVA, E. Brasília, cidade mutilada. **Correio Braziliense**, Brasília, p. 4, 18 ago. 1962.

SOCIAIS de Brasília. **Correio Braziliense**, Brasília, p. 9, 11 out. 1963.

TEIXEIRA, A. S. Plano de construções escolares de Brasília. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Rio de Janeiro, v. 35, n. 81, p. 195-199, jan./mar. 1961.

VEIGA, C. G.; GOUVÊA, M. C. S. Comemorar a infância, celebrar qual criança? Festejos comemorativos nas primeiras décadas republicanas. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 135-160, 2000.

WIGGERS, I.; MARQUES, I.; FRAZZI, M.. Escola Parque de Brasília: um olhar sobre a educação do corpo. *In*: PEREIRA, E. W. *et al.* (orgs.) **Nas Asas de Brasília: memórias de uma utopia educativa (1956-1964)**. Brasília: Editora da UnB, 2011, p. 253-276.

---

ALINE RIBEIRO DE OLIVEIRA: Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, Modalidade Profissional, da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0722-220X>

E-mail: [alineribeiorb@gmail.com](mailto:alineribeiorb@gmail.com)

---

JUAREZ JOSÉ TUCHINSKI DOS ANJOS: Professor Adjunto de História da Educação e História da Educação Brasileira no Departamento de Teoria e Fundamentos e no Programa de Pós-Graduação em Educação, Modalidade Profissional, da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Doutor em Educação. Líder do Grupo de Pesquisa em História e Historiografia da Educação da Universidade de Brasília (GRUPHE-UnB/CNPq).

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4677-5816>

E-mail: [juarezdosanjos@unb.br](mailto:juarezdosanjos@unb.br)

---

Este periódico utiliza a licença *Creative Commons Attribution 4.0*, para periódicos de acesso aberto (*Open Archives Initiative - OAI*).